

**A Festa Aruanã dos Índios Tapirapé: Identidade e Manutenção de um Rito de Passagem****Francismar Petini<sup>1</sup>****Thais Cabral Sanchez<sup>2</sup>****Antonio Francisco Malheiros<sup>3</sup>****Resumo:**

Este artigo teve por objetivo descrever a principal celebração dos índios da etnia Tapirapé, a festa Aruanã, bem como oportunizar reflexão sobre a identidade e manutenção da cultura, costumes e tradições manifestadas no ritual de iniciação *Marakayja* realizado por este povo. Trata-se de pesquisa qualitativa exploratória, de base bibliográfica, cuja coleta de dados foi subsidiada por meio de entrevistas semi-estruturadas utilizando-se também de outros instrumentos de pesquisa, tais como: recurso áudio visual e material iconográfico sobre a festa ocorrida no mês de fevereiro de 2009, na aldeia *Tapi'itãwa*, Terra Indígena Urubu Branco, localizada no município de Confresa, Mato Grosso. Os principais autores que embasaram o referencial teórico foram: Amaral (1998), Bueno (2003), Castells (2000), Melluci (2004), entre outros e nos sites do Instituto Socioambiental (ISA) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A partir da interpretação dos dados obtidos, pode-se considerar que a festa é um importante espaço de manutenção dos rituais, contribuindo para fortalecer as relações sociais e o sentimento de pertencimento que constituem a identidade deste povo indígena.

**Palavras-chave:** Festa. Identidade. Rito de Passagem. Índios Tapirapé.

**Introdução**

O povo Tapirapé, no qual a palavra vem do significado “caminho da anta”, é constituído pelo tronco lingüístico Tupi-Guarani.

Eles habitam a região nordeste do Estado de Mato Grosso (MT), a oeste do rio Araguaia, na região da Serra do Urubu Branco localizada nos municípios de Confresa e Santa Terezinha. A população atual estimada em 542 pessoas está dividida em duas Terras

---

<sup>1</sup> Mestrando em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). [francismarpetini@yahoo.com.br](mailto:francismarpetini@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). [thais-cs@uol.com.br](mailto:thais-cs@uol.com.br)

<sup>3</sup> Doutorando em Parasitologia pela Universidade de São Paulo (USP). [afmalheiros@usp.br](mailto:afmalheiros@usp.br)

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Indígenas (TI), a Urubu Branco e a Tapirapé/Karajá e distribuídas em oito aldeias<sup>4</sup> próximas (Urubu Branco, Córrego da Onça, Santa Laura, Buriti, Sapeva, Codebra, Xexéu e Tapirapé/Karajá) recentemente demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Este grupo étnico tem características bastante peculiares, pois são amistosos, acolhedores, alegres por natureza, e estas são facilmente notadas por meio da relação de parentesco e no convívio amigável, seja entre os adultos, jovens ou os mais velhos. Relações essas que são mantidas nas mais diferentes atividades, sempre com participação democrática da comunidade, seja em decisões para escolha da liderança, na educação escolar das crianças e jovens, na saúde ou nos preparativos das cerimônias tradicionais.

Uma das cerimônias, enfoque deste trabalho, é a festa Aruanã realizada na mais importante e populosa aldeia, chamada *Tapi'itãwa*, distante aproximadamente 15 km do município de Confresa-MT, que conta hoje com 260 membros da etnia.

Diante do exposto e a partir de leituras acerca do tema, objetivou-se compreender de que maneira a celebração contribui para a manutenção da identidade da etnia, de modo que, no seu decorrer, os costumes e valores próprios da comunidade indígena são passados dos mais velhos para os mais novos podendo ser constatado principalmente ao longo do ritual de iniciação, o *Marakayja*.

Trata-se de pesquisa exploratória com base na análise de conteúdo da bibliografia levantada e de relatos obtidos acerca da realização da festa por meio de entrevista concedida em abril de 2010, por contato telefônico, sendo complementada por formulário semi-estruturado respondido pelo professor indígena Kamoriwa'i Elber Tapirapé<sup>5</sup>.

Para compor os instrumentos de pesquisa, banco de imagens áudios-visuais e material iconográfico coletado em março de 2009 sobre a festa ocorrida no mês anterior, foram fornecidos pelo professor Antonio Francisco Malheiros.

Constam ainda de autorização de uso das imagens e concessão de entrevistas, bem como cópia de documentos oficiais acostados ao processo protocolado junto ao Comitê de Ética do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da Universidade de São Paulo (USP),

---

<sup>4</sup> Os nomes das aldeias foram assim designados em Português porque assim são comumente chamados entre as comunidades indígenas.

<sup>5</sup> **Entrevista:** Professor, ex-diretor da Escola Estadual Tapirapé da aldeia Urubu Branco. É graduado em Ciências Naturais pelo Projeto de Formação de Professores Indígenas – PROESI/UNEMAT (3º Grau indígena), *Campus* Universitário de Barra do Bugres.

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

autorização de ingresso em TI fornecida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e parecer da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CONEP) do Ministério da Saúde (MS).

Para entendimento e melhor discussão foram utilizadas importantes fontes bibliográficas que embasam o presente trabalho: Amaral (1998), Bueno (2003), Castells (2000), Melatti (2007), Melluci (2004), Silva (2006), Trigo (2007), bem como dados coletados junto aos sites do Instituto Socioambiental (ISA) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

O texto está estruturado em tópicos, iniciando-se pelos Aspectos Sociais e Culturais da Etnia, fundamentos teóricos e em seguida apresentam-se os resultados da pesquisa propriamente dita, mediante a descrição e reflexões acerca desta festa tradicional.

Entende-se aqui a relevância deste tema, pois até o presente momento foram publicadas poucas obras que tratam dos costumes Tapirapé. Espera-se, com este estudo, contribuir como fonte de consulta para pesquisas posteriores, além de subsidiar futuras discussões acerca desses espaços importantes que compõem as festas e da riqueza cultural proporcionada por uma etnia com aspectos tão singulares.

### **Aspectos Sociais e Culturais da Etnia**

A Fundação Nacional de Saúde (FUNASA, 2005), aponta que *a população indígena brasileira é estimada em aproximadamente 450.000 pessoas, pertencentes a 210 povos, falantes de mais de 180 línguas identificadas*. Cada um destes povos tem sua própria maneira de compreender o mundo e de se organizar socialmente, o que se manifesta nas suas diferentes culturas e nas relações com o meio ambiente e ocupação de seu território.

Conforme dados do ISA (2010) a história do contato dos Tapirapé com seus vizinhos Karajá e Kayapó remonta a épocas anteriores ao século XVII. Desde então, oscilam de amistosa convivência a hostilidades e enfrentamentos.

No início do século XX, sofreram violenta depopulação, pois contavam com cerca de 1.500 pessoas habitando cinco aldeias sendo reduzidos a apenas 47 membros no final da década de 1940. Os Tapirapé foram quase que dizimados por diferentes motivos, tais como: epidemias de tuberculose, praga de baratas urbanas, competição por territórios e conflitos agrários que lhes obrigaram a fazer mudanças de lugar das aldeias cada cinco ou sete anos.

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Viviam seguidamente sendo atacados por grupos da etnia Kayapó – sobejamente conhecidos pelo comportamento guerreiro – e, por temor a certas aldeias dos índios Karajá. Esses contatos intermitentes oscilavam entre a cordialidade e hostilidade, uma vez instalados próximos à aldeia Karajá da barra do rio Tapirapé, as relações entre os grupos Karajá e Tapirapé ficaram mais amenas e os grupos iniciaram, em 1949-50, um profundo intercâmbio social e econômico (Wagley, 1988, p. 49-53).

Essa relação de convivência com o novo sistema econômico é mediado a partir da chegada das Irmãzinhas de Jesus que passaram a habitar a TI a partir de 1952 e, que até hoje permanecem na função básica de diagnóstico e assistência em saúde somando a proteção da FUNASA, com isso, ajudam a manter um sistema de saúde em funcionamento com princípios organizativos bem definidos. Elas não intervêm nas relações externas, mas o apoio, mesmo que indireto, é decisivo pela simples presença.

A sociedade Tapirapé possui uma importante identidade cultural e política; é extremamente igualitária, porém, de forte tradição patriarcal. Os caciques reúnem-se na Takana com os líderes das diversas casas da comunidade mantendo contato diário, através de reuniões noturnas no pátio da aldeia.

Divididos em duas grandes associações devido um ancestral, chamado Anchopeteri, ter encontrado em suas viagens um grande número de aves reunidas numa pedra plana. As associações de pássaros exercem funções econômicas e cerimoniais conforme posição hierárquica: os “pássaros brancos” (pequeno pato, pato médio e jaburu) e os “papagaios” (periquito, papagaio falante e arara) nos quais são compostas por grupos de idade, respectivamente: de jovens (10-16 anos), homens maduros (16-35 anos) e homens mais velhos (35-55 anos).

Uma das partes é formada pelos “grupos de comer” (*tataopawa*) que, por serem intermediários entre a aldeia e o “grupo doméstico”, constituem laços que unem pessoas de casas diferentes, formando uma unidade social e atualmente têm função basicamente cerimonial. A transmissão ao “grupo de comer” específico se faz de modo que os filhos pertencem ao grupo do pai e as filhas ao da mãe, por linha de descendência.

Em contrapartida a outra, chamada de “sociedade de pássaros” é formada pelo “grupo de festa” que atua como grupo de caça e em tarefas agrícolas, de trabalhos cerimoniais, de

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

canto, construção de casas etc. Para a preparação da festa são escolhidos homens deste grupo que saem em busca da caça.

Essas sociedades masculinas, também são as chamadas “sociedades de pássaros” (*wyra*) o que reflete no momento da festa. Um homem liga-se à “sociedade de pássaro” de seu pai e à medida que cresce vai passando ao outro grupo de sua própria metade, já a mulher faz parte do grupo de sua mãe.

### **Elementos conceituais:**

#### **Identidade Coletiva**

Parece importante entender o conceito de identidade coletiva, pois, como afirma Melucci (1989) só haverá ações coletivas quando existir uma identidade coletiva no grupo. Nesse sentido, a identidade coletiva tem um papel de agente agregador ao grupo, que o faz manter sua continuidade no tempo e define suas fronteiras, que lhe permite ser maior do que as ações concretas desenvolvidas por ele. Afinal, quando o grupo cria a identidade coletiva ele desenvolve crenças e valores comuns, que são base para da solidariedade grupal.

Fica claro, portanto, um dos principais aspectos da identidade coletiva é o que se refere à auto-definição do grupo (SILVA, 2006), sendo assim, a identidade coletiva engloba a imagem que o grupo tem de si mesmo, que resulta dos interesses comuns e da solidariedade entre os participantes do grupo. Todos esses aspectos irão gerar a construção de um nós, que, é feito através das “[...] *qualidades e características atribuídas a um grupo pelos membros do grupo* (HUNT, 2001, p. 1)”.

Castells (2000, p. 22) define a identidade coletiva como uma

[...] fonte de significado, experiência de um povo. [...] No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) que(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.

O autor ainda afirma que o elemento essencial para a constituição da identidade é o acervo possibilitado pela “[...] *história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e*

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

*revelações de cunho religioso* (CASTELLS, 2000, p. 23)”. E esse elemento passa por vários processos de interpretação e re-interpretação, de significação e ressignificação por parte das pessoas e do grupo e, ainda, segue de acordo com seus projetos culturais e com seus interesses (SILVA, 2006).

Castells (2000, p. 22-23) propõe também que a identidade coletiva pode ser pensada como étnica, pois pode incluir aspectos como crenças e valores, tradições e memória coletiva. Isso se deve porque cada pessoa de um grupo ou até mesmo o grupo em si pode construir inúmeras identidades e por isso nos fica claro que um grupo não é uma entidade estática, pois ele, por meio de seus membros, pode transformar-se permanentemente. O contexto social em que a identidade coletiva se constrói é marcado por relações de poder, os quais conduziram a diferentes resultados sociais, a distintos tipos de sociedade e sociabilidade.

Uma questão importante é que existe uma diferença entre identidade e papéis sociais apontada por Castells (2000, p. 23), pois os papéis sociais são determinados “[...] *por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade*”, sendo que “*A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre indivíduos e essas instituições e organizações*”. Já identidades “[...] *constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação*”, nesse sentido as identidades constituem significados e os papéis funções.

Seguindo essa linha, podemos entender que a identidade coletiva tem a capacidade de dar forma aos significados, ou seja, de significar a realidade, e é na simbolização que as pessoas são capazes de fazer a realidade. Então, na construção de um Nós, de uma identidade coletiva, existe um processo de identificação, que é o processo de construção de um eu múltiplo (MELUCCI, 2004, p. 65).

Por fim, identidade coletiva é, então, “[...] *uma definição interativa e compartilhada produzida por vários indivíduos em interação que estão interessados pela orientação de sua ação assim como pelo campo de oportunidades e limites no qual sua ação tem lugar* (MELUCCI, 1989, p. 34)”.

Desta forma a identidade coletiva aparece como um constante processo de construção de significados, de constituição do discurso Nós, processo esse que se institui “*mediante as relações que os sujeitos detentores desse discurso ‘Nós’ estabelecem com a realidade externa*

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

*a eles próprios e pela qual é capaz de se diferenciar* (SILVA, 2006, p. 448)”, essa realidade externa é chamada por Tajfel de “grupo-do-outro” e por Melucci de “Eles”. A partir dessas proposições iremos entender o papel das festas e dos ritos em comunidades.

### **Festa, Cerimônia, Rito, Mito e Crença**

A festa pode ser considerada um espetáculo à parte, pois elas se originam a partir de atividades organizadas em um determinado espaço e tempo para celebrar um tema referente a um passado ou a outro lugar (TRIGO, 2003, p. 125).

Esse espaço, ou “pedaço”, como denomina Magnani, se constitui de relações que irão produzir significados em um complexo sistema de mediações que processam múltiplas formas de intersecção entre o “nós” e o “eles” (MAGNANI, 2003, p. 138).

Para criar uma identidade e assim sustentar a humanidade e uma convivência solidária em pessoas que têm diferentes modos de ser e viver, os homens criam, imaginam e inventam espaços para prestigiar essa sociabilidade, como a festa. Como aponta Marielys (2008),

[...] as festas são manifestações da tradição cultural pelo seu grande potencial criativo e de integração [...] a festa, em todas as suas diferentes modalidades e seus múltiplos significados e contextos, têm em comum o fato de criar um espaço essencial para fortalecer e nutrir as redes de relações sociais, a parte humana vital da chamada *teia da vida*”

A consciência de grupo, que forma a identidade de determinada comunidade, será despertada a partir da festa, pois ela traz um sentido de cidadania, segundo Amaral a festa tem uma importância cultural, por colocar em cena valores, projetos, artes e devoção, pode ser um modelo de ação popular e também um produto turístico capaz de revitalizar e revigorar muitas cidades (AMARAL, 1998).

A festa pode ter diversas modalidades, mas “*seja qual for a sua forma de expressão, os momentos de lazer proporcionados por elas, têm sempre um caráter participativo e a forma de convivialidade que ela cria reforça e nutre os laços sociais* (BUENO, 2008, p. 52)”, esses momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo cotidiano se constituem eternos rituais que acompanham o homem por toda a sua vida.

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Os rituais são constituídos de atos simbólicos que dizem respeito às relações sociais, que, apesar de ter um significado, muitas vezes não são conscientes nas pessoas. Esses rituais podem ser de passagem, que marcam a transição de um indivíduo ou de um grupo de uma situação para outra, seja ela de separação, de transição ou de incorporação. Esses três momentos não necessariamente têm a mesma importância nos diversos ritos de passagem, estes podem ser de gestação e nascimento, de iniciação, matrimonial, funeral, além de vários outros (MELATTI, 2007, p. 171-173).

Ressaltamos a diferença existente entre cerimônia e ritual, mesmo que sinônimos: ainda que cerimônia seja o momento de entrelaçar valor e sentimento (ato expressivo), o ritual se refere à necessidade de formular regras (comportamento expressivo). O rito pode estar contido na cerimônia ou acontecer fora dela, os rituais envolvem consciência e promovem consciência.

Considera-se que várias ações cerimoniais não reivindicam uma ligação com o pensamento religioso ou uma relação inseparável com o sagrado; no entanto, devido às pulsões e motivos que acionam, à morfologia que assumem e à sua capacidade de simbolizar, atribuí-se a elas o qualificativo de ritual com todos os efeitos que lhes são associados. O rito, em razão de sua forma codificada, tem o poder de conferir um ar de tradição aos materiais sociais, sejam eles antigos ou novos. Constata-se, então, que a idéia de tradição se une a comportamentos cuja ação repetitiva apresenta um quadro à inteligibilidade compartilhada dos fatos. (ISA, 2010)

Um ritual tem por finalidade distinguir a cultura ou crença de um povo através de suas ações praticadas individualmente ou coletivamente, bem como nos atos simbólicos que se constituem em regras que significarão valores a serem seguidos nas relações em família, no trabalho e em diferentes ambientes, públicos ou privados.

Para Trice & Beyer (1985) *apud* Silva (2009, p. 9-10) os ritos de passagem “*facilitam a transição de pessoas para estados e papéis, minimizam resistências à incorporação dos novos papéis sociais e o restabelecimento do equilíbrio das relações sociais em processo, facilitam a mudança de status*”. Ainda são destacados outros tipos de ritos no âmbito das organizações: de degradação ou exclusão, de reforço, de renovação, de mediação, de conflitos e de integração.

Nesta pesquisa, atentamos apenas ao rito de iniciação, que também constitui um rito de passagem, pois várias sociedades indígenas marcam a passagem do jovem para a vida adulta que os fazem de diferentes formas.



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

[...] “deslocamento dos círculos mágicos” que conforme uma posição ou outra na sociedade muda-se o lugar do indivíduo ou de seu status: “Quem passa, no curso da vida, por estas alternativas encontra-se no momento dado, pelo próprio jogo das concepções e das classificações, girando sobre si mesmos e olhando para o sagrado em lugar de estar voltado para o profano, ou inversamente” (Van Gennep, 1977, p. 32 *apud* TACCA, 2004).

Aspectos ritualísticos nem sempre são correlacionados a aspectos religiosos. Nas sociedades indígenas, certos ritos ou cultos não tem a ver com prática de magia, na maioria delas não acreditam em um ser supremo, mas sim nas suas mitologias ou em heróis místicas.

Os mitos têm relação muito próxima com o rito e, por sua vez, com todo o sistema social. São narrativas de fatos sociais ocorridos que refletem mais o presente do que o passado e que não necessariamente aconteceram, nem sempre são palpáveis. Os mitos são transmitidos de uma geração para a outra.

Os xamãs (sacerdotes ou pajés) são pessoas respeitadas pelo grupo social, geralmente de bastante idade, pois detêm conhecimentos transmitidos a gerações e que usam da prática médica através de plantas medicinais e, além de serem portadores de poderes e de invocarem entidades sobrenaturais, garantem a continuidade dos nascimentos. Por meio das 'viagens de sonho', capturam as almas das crianças e as introduzem no ventre das mães, assim, com a intervenção desses xamãs, são explicadas a fertilidade ou a esterilidade em mulheres fazendo com que a segurança física e emocional de toda comunidade dependa do poder destes.

[...] para que uma mulher tenha uma criança é necessário que o xamã, o paxe, entregue a alma da criança à mãe. Isso porque, no mundo sobrenatural dos espíritos *anchunga*, existe um número finito de almas. O espírito, ou alma, da criança entra na mulher, invocado pelo paxe (Wagley, 1988:141).

Os *paxe*, em seus sonhos, dirigem-se à “casa dos queixadas”, localizada na Serra “*Towaiyawá*” (na grafia de Wagley) onde mantém relações sexuais com as queixadas fêmeas.

Segundo Melatti (2007, p. 195) a crença nos espíritos tem significado diferente para os indígenas, enfatizando “*a noção de alma para os índios difere não somente da cristã, como também de uma sociedade indígena para outra*”. Na mitologia dos Tapirapé, a principal ‘reserva’ de almas de crianças é oriunda da Serra do Urubu Branco, precisamente em um grande paredão de pedra que na estação das chuvas forma uma queda d’água chamada por eles de *Yrywo’ywawa*, lugar onde a ave símbolo, o urubu-rei, bebe água. Este local também

designa o nome da região de onde esta espécie de pássaro é nativa, assim como a localização da principal aldeia.

### Resultados da Pesquisa:

Para efetuar a análise acerca da festa Aruanã foi necessário realizar uma junção dos relatos dos dois entrevistados para descrever este importante ritual característico desta etnia e assim obter uma melhor compreensão da vida cerimonial dos Tapirapé.

### O ciclo cerimonial e o ritual de iniciação

Ao longo do ano, o ciclo cerimonial Tapirapé é composto das seguintes fases: inicia-se no período chuvoso, final de setembro e começo de outubro com o *Xepaanogawa*, segue-se até dezembro com a construção ou manutenção da casa cerimonial (*Takara*) que pode ser freqüentada somente pelos homens; depois, no final de fevereiro e início de março ocorre o *Ka'o* e logo em seguida o *Tawa*, finalizando-se no começo do período da seca com a realização do *Marakayja* e da festa Aruanã, constituindo o maior e mais extenso ritual.

Além desses principais, há outros ritos<sup>6</sup> tão importante quanto os que acontecem a qualquer tempo, sendo eles: *Axygaiwa*, *Iraxao*, *Xaapiãwa*, *Marakao*, *Marakaxawãja*, *kawiypyarakãwa*, *Karaxao* e a festa da “Cara Grande”.

---

<sup>6</sup> **Ka'o**: ritual é cantado por homens e mulheres durante toda a noite até o amanhecer, na estação chuvosa. O canto e a dança foram aprendidos com as aves, pois contam os antigos, que um homem, que foi abandonado por seus parentes, recebeu visita de uma arara amarela e por ela foi levado até a morada dos pássaros. **Axygaiwa**: ritual que marca o início do ciclo de festas, motivo de alegria, pois dá boas vindas aos espíritos da floresta e promovendo confraternização entre eles e os homens da aldeia. São os cantos do espírito que os auxilia na caça coletiva preparatória da festa. **Iraxao**: festa realizada no pátio central da aldeia, é um rito que homenageia o povo Karajá e representa os espíritos das pessoas mortas pelos antigos Tapirapé. Ao ritmo do *maracá*, os espíritos cantam e dançam acompanhados pelas mulheres, depois tomam *kawi* (bebida feita a base de milho) e comem pirão de carne queixada. Já satisfeitos e muito contentes, os espíritos abençoam os Tapirapé, acreditam que dão força e os protegem do mal. **Xaapiãwa**: é uma festa que diverte o povo Tapirapé sendo que os rapazes das metades *Wyraxiga* e *Araxá* disputam quem acerta o outro com uma flecha que tem cera na ponta. **Marakao**: é um ritual de dança em que homens e mulheres dançam juntos, porém, são elas que escolhem seus parceiros com os quais desejam dançar e em troca eles pedem presentes. **Marakaxawãja**: também é uma dança em pares, cabe aos homens presentear as mulheres, o que difere é a maneira de dançar em fileiras. **Kawiypyarakãw**: à véspera de se beber o *kawio* (bebida amarga feita com casca de milho), é realizado para se homenagear alguém, e em retribuição, espera-se ganhar presentes. **Karaxao**: ritual que encerra o ciclo de festas, também é uma homenagem aos guerreiros Kayapó mortos por Tapirapé.

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Este ritual é passado de pai para filho e os Tapirapé aprenderam os ensinamentos a muito tempo dos seres mitológicos, *Makãxi* e *Xawaromy*, que transmitiram o legado de confeccionar armamentos, cantar e dançar, e mantém vivo até hoje. Os indígenas os encontraram na floresta dançando e cantando o *Marakayja*; admirados, eles deram um jeito de prendê-los e conseguiram levá-los para a aldeia sendo necessária muita astúcia já que esses seres sabiam voar.

No *Marakayja*, é quando se dá o ponto culminante dos seus ciclos cerimoniais com o ritual de iniciação do rapaz a partir dos quinze anos para sua passagem à fase adulta. Para a realização desse cerimonial, os homens do grupo de comer dirigem-se à da Serra do Urubu Branco e, guiados por seu *paxe*, que segundo eles controlam a caça, permanecem na região o tempo suficiente para a obtenção do alimento que será consumido no *Marakayja*.

Os meninos pré-adolescentes, que ainda não farão parte do ritual de iniciação tem o corpo pintado com sumo de jenipapo<sup>7</sup>, tinta de urucum<sup>8</sup> e carvão e, são enfeitados pelos pais com penas e plumagens brancas de pássaros nativos simbolizando filhotes de urubu-rei, ave símbolo desta etnia.

Durante as festividades, todos os participantes do ritual devem utilizar pintura corporal apropriada, ou seja, de modo diferente conforme a idade e o sexo.

A pintura *Axoo* significa “espécime de passarinho”, é de uso dos garotos (*konomi*),

[...] usada somente pelo sexo masculino desde a infância até o rapazinho ser chamado para fazer o ritual de passagem o que corresponde a 1ª, 2ª e 3ª (Xyre). Até 3ª fase de vida (Awayao) não tem permissão de usar esta pintura. Nessa fase existem outras pinturas corporais próprias para eles. O uso dessa pintura significa que o rapaz pode usar o *tamakorã* somente abaixo do joelho que chamamos de *ywãawara*. (TAPIRAPÉ, 2006, p. 10).

A pintura *Mykwery* significa “peixe bicudo”, é de uso dos rapazes (*churangí*),

[...] usada somente pelo sexo masculino, desde a infância até se tornar homem adulto. O rapaz de 1ª e 2ª fase de iniciação, não é necessário usar, pois nessa fase existe uma pintura corporal própria para eles. No uso dessa pintura, o usuário pode

---

<sup>7</sup> **Jenipapo:** fruto do jenipapeiro. Além de comestível, seu suco é usado por vários grupos indígenas para pintar a pele de preto.

<sup>8</sup> **Urucum:** semente de urucuzeiro. Quando triturada, obtém-se um pó de coloração vermelha (colorau) que, misturado à gordura de tartaruga, é usado pelos indígenas para untar o corpo. Serve também como repelente.

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

ter o tamakorã no antebraço que chamamos de paapy e abaixo do joelho que chamamos de ywaawara. (TAPIRAPÉ, 2006, p. 10-11).

Correlacionando o conceito de Rito de Passagem de Genep com os costumes Tapirapé, podemos assim dizer que a ‘separação’ dá-se quando o rapaz tem de passar as noites dormindo na Takara por um determinado período; já a ‘transição’ dá-se quando ele é autorizado a voltar pra casa ao longo do dia para se alimentar e compartilhar do convívio familiar, passando a usar adornos que o caracteriza e, por fim, a ‘incorporação’, dá-se com a participação ativa em todas as cerimônias podendo usar certas pinturas corporais que identificam sua idade e ascensão social.

### **A festa Aruanã dos Índios Tapirapé**

A festa Aruanã geralmente coincide com a realização do ritual de iniciação *Marakayja* com a celebração e preparação do garoto até treze anos de idade, promovendo lutas entre os dois grupos, o *Araxa* e *Wyraxiga*. Aquele que vencer está preparado para lutar e proteger a aldeia em qualquer confronto, de acordo com a tradição deste grupo social.

Este ritual é uma adaptação dos costumes Karajá que utilizam o peixe como base da sua alimentação, já os Tapirapé assim o fazem, porém com a carne de caça e somente quando há fartura de alimento.

Isso se mostra interessante no momento em que os costumes do grupo são modificados a partir de um acontecimento passado, que sempre esteve presente na memória dos Tapirapé, quando eles foram quase que dizimados pelos Karajá, no qual hoje eles cultuam através da festa pedindo força aqueles que os venceram, pois acreditam que a força do guerreiro vencedor pode ser transmitida pelo espírito Karajá.

Não há uma organização antecipada da festa, seus preparativos só se iniciam após a volta dos homens das caçadas às queixadas<sup>9</sup> e caititus<sup>10</sup>, quando conseguem trazer em grande quantidade de alimento, caso contrário a festa é adiada.

---

<sup>9</sup> **Queixadas:** mamíferos da mesma família do Caititu, porém a espécie é *Tayassu pecari*.

<sup>10</sup> **Caititus:** mamíferos, da família *Tayassuidae*, espécie *Tayassu tajacu*.

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

As equipes formadas pelas metades dos *wyra* perseguem, particularmente, os bandos de caíttus e queixadas, considerados excelentes alimentos, competindo para ver qual dos grupos obterá maior quantidade de caça.

Os homens dos respectivos grupos, após conseguirem a fartura de alimento, entram na *Takara* e gritam do seu interior para avisar que a caça está disponível. Nesse momento é escolhido o dono da festa, aquele que se habilita a preparar a refeição, sendo que a sua esposa preparará o alimento para todos.

Posteriormente, são escolhidos outros dois homens que vestirão o *Axyga Ryro*. Os candidatos tomam o *caium*<sup>11</sup> preparado pela esposa do dono da festa. Eles simbolizarão os espíritos de índios fortes tombados em luta no passado. A vestimenta, preparada no interior da *Takara* por todos os homens, é feita de palha de bacaba<sup>12</sup> que consiste em uma saia que cobre até os pés, adornado pelo *Iraxao* (a máscara ritual), somente é permitido usar esses trajes aqueles que conhecem os cânticos, que tenham boa voz e força para cantar.

Um dos pontos altos do ritual é a dança realizada por representantes dos espíritos Karajá escolhidos pela comunidade. Os dois guerreiros escolhidos, já devidamente trajados de *Axyga Ryro*, saem pelo pátio da aldeia entoando os cantos, tocando instrumentos e dançando. Em seguida, eles continuam dançando e cantando com dois chocalhos nas mãos (os maracás), e são “cercados” pelas mulheres que apenas os acompanham no ritmo da música dançando ao redor deles fazendo um gesto com as mãos para pedir “proteção” e “força” às suas famílias.

Quando a dança acaba, os espíritos guerreiros retornam para a *Takara* e são os primeiros a tomarem o *cauim* e o beiju, a comerem porcão, farinha de mandioca e banana assada. Depois, quem come é o dono da festa, em seguida os mais velhos e por último os jovens e meninos mais novos. Esse cerimonial ocorre dentro da casa *Takara* apenas com participação masculina. As mulheres e meninas comem em suas casas após o término da refeição dos homens. A festa termina depois que a comida acaba.

## Considerações Finais

---

<sup>11</sup> **Caium:** bebida tradicional feita e servida por mulheres à base de mandioca ou milho, através do processo de mastigação e fermentação, muito usada em festas solenes.

<sup>12</sup> **Bacaba:** palmeira da Amazônia. Os frutos são comestíveis, e as palhas servem para cobrir as casas. O suco é usado para fazer refresco.

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

A partir da análise dos dados obtidos, pode-se considerar que a festa é um importante espaço de manutenção dos rituais, contribuindo para fortalecer as relações sociais e o sentimento de pertencimento desta etnia.

A festa Aruanã envolve um profundo respeito pelo “espírito” Karajá, devido até hoje existirem Tapirapé que têm medo do espírito por causa das brigas que tiveram no passado, nas quais muitos morreram. Isso demonstra a importância desta festa como espaço para o fortalecimento das relações sociais entre os dois povos, que hoje convivem em harmonia numa mesma TI.

Além disso, fica claro que este ritual também reforça a identidade coletiva da comunidade na medida em que toda sua história, seus costumes, seus valores e suas tradições são passados para os mais novos.

Podemos entender essa festa como uma proposta de estabelecimento da relação pacífica entre os dois povos indígenas que anteriormente eram rivais. Deste modo a convivialidade que a festa proporciona, destacando o respeito à hierarquia, favorece a relação coletiva, fortalecendo vínculos tendo a função de perpetuar a cultura evidenciando seus valores étnicos.

Uma reflexão acerca da manutenção da identidade desta etnia indígena proporcionada através da descrição da festa Aruanã se justificou, pois a identidade coletiva de um grupo é um processo permanente que regula as relações entre os sujeitos, as redes sociais, a solidariedade que é construída entre eles e o contexto social no qual estão inseridos e, a festa traz consigo um potencial criativo e integrador, além de propiciar a manifestação da cultura e dos valores.

### **Referências Bibliográficas**

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa “a brasileira”*: significados do festejar num país que “não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia FFLCH) – USP. São Paulo, 1998.

BUENO, Marielys Siqueira. *Lazer, festa e festejar*. In: REVISTA de Cultura e Turismo. CULTUR, ano 02 - n. 2. Ilhéus-BA, Jul/2008.

CASTELLS, M. *A Sociedade em rede*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

FUNDAÇÃO Nacional de Saúde (FUNASA). *Saúde Indígena*. Subsistema de Atenção à Saúde. Disponível em: <<http://www.funasa.gov.br/internet/saudeIndigena.asp>> Acessado em: 21-05-2010, às 20:49h.

FUNDAÇÃO Nacional do Índio (FUNAI). *Índios do Brasil*. Identidade e diversidade. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/funai>> Acessado em: 21-05-2010, às 19:37h.

HUNT *et al.* Marcos de acción Colectiva y campos de identidad en la construcción social de los movimientos. In: Laraña, Enrique & Gusfield, Joseph. *Los nuevos movimientos sociales*. De la ideología a la identidad. Madri: Cis, 2001.

INSTITUTO Sócio Ambiental (ISA). *Povos Indígenas no Brasil*. Internet. Tapirapé. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tapirape>> Acessado: 27-04-2010, às 21:15h

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Hucitec, 2003.

MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2007.

MELUCCI, A. *Um Objetivo para os Movimentos Sociais?* Revista Lua Nova, nº 38. São Paulo, 1989.

O RENASCER do Povo Tapirapé. *Diário das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld*. São Paulo: Salesiana, 2002. p. 253-254.

SILVA, Alessandro Soares. *Marchando pelo arco-iris da política: a parada orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal*. Tese (Doutorado PUC SP) – São Paulo, 2006.

SILVA, Mariângela Benine Ramos *et al.* *Imagem e Símbolo: momentos ritualizados e a estabilização da comunicação nas organizações*. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM). Curitiba-PR, 2009.

TACCA, Fernando. *Candomblé: O embate entre a Paris Match e a Revista O Cruzeiro*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/trabalhos2004/gt14/fernandodetacca.htm>> Acessado em: 01-07-2010, às 17:15.

TAPIRAPÉ, Alberto Orokomy'i. *Apyawa Xemoonawa – pinturas corporais tradicionais do povo Tapirapé*. Monografia (TCC em Licenciatura em Ciências Matemática e da Natureza. B. Bugres-MT, 2006. p. 10-12.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Entretenimento: uma crítica aberta*. São Paulo: Senac, 2003.

WAGLEY, Charles. *Lágrimas de Boas Vindas: Os índios Tapirapé do Brasil Central*. Ed. Itatiaia Limitada; Edusp: São Paulo, 1988.